

## Adoção: uma experiência de amor

*Maria Geralda Zacarias*

Meu nome é Maria Geralda Zacarias.

Eu e meu marido, Abel, queremos compartilhar a linda história de adoção da nossa filha, desejando que a nossa experiência motive outras pessoas a tomarem a mesma atitude, saírem da zona de conforto e embarcarem naquela que será a maior e melhor experiência de suas vidas. Disso não temos a menor dúvida.

Para adotar uma criança, não precisa ser rico, casado, doutor, intelectual, basta o desejo de amar, amar sem medida.

No ano de 2003, após duas tentativas frustradas de fertilização *in vitro*, e exaustos com tantas consultas, visitas a clínicas, exames e medicamentos, eu e meu marido começamos a pensar em adoção.

Nas clínicas especializadas nas quais fizemos as duas tentativas de fertilização *in vitro*, conhecemos casais que estavam na quarta, quinta, ou até mesmo na décima tentativa, para ter um filho. Vimos pessoas que venderam bens, carros e até mesmo casa, para usar o dinheiro em tentativas frustradas de fertilização. Conhecendo essas realidades, passamos a refletir se queríamos repetir aquelas histórias. Começamos a pensar em crianças já nascidas, ou que poderiam vir a nascer, e que, por questões diversas, não poderiam ficar com suas famílias biológicas, precisando ser acolhidas e amadas por outras famílias.

Tínhamos muito amor, que precisava ser dedicado a um filho. Não foi uma decisão fácil, mas, a cada conversa, tínhamos mais certeza do que queríamos. O apoio incondicional da família e de nossos amigos foi fundamental para a tomada dessa decisão que mudaria nossas vidas para sempre.

Em conversa com um amigo, ele nos lembrou de uma amiga em comum, que era juíza de Direito, na comarca de Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, e se ofereceu para fazer o contato com ela. Ficamos ansiosos, mas não criamos muita expectativa.

Passados alguns meses, eu e meu marido recebemos a ligação da Dr<sup>a</sup> Célia Freitas, indagando se realmente era nosso desejo adotar uma criança, e, mais, que havia uma criança que nasceria em agosto do ano seguinte (2004). Era uma menina.

Não pedimos tempo para pensar, aceitamos imediatamente. Como poderíamos dizer não à nossa filha. Ficamos imediatamente “grávidos” da nossa menina.

Alguns dias depois, outra notícia. Havia um menino que nasceria em junho ou julho, mas esse menino não era nosso. Já esperávamos a nossa filha, e não abriríamos mão dela por nada neste mundo.

Tínhamos pouco mais de cinco meses para nos preparar para receber nossa filha. Além das roupinhas, do quartinho, das outras questões de ordem prática e legal, tínhamos que nos preparar emocionalmente. A única certeza que tínhamos é de que nosso coração já estava tomado de amor, nos sentíamos abençoados por Deus, plenos de um sentimento nunca antes experimentado.

Quando soube da novidade, minha irmã Carla se automeioeu a madrinha da Letícia, este seria seu nome, cujo significado é alegria. A tia Carla participou ativamente da organização do enxoval da Letícia e, em todos os outros preparativos, não cabia em si de tanta animação. Meus pais também ficaram extremamente felizes e ansiosos pela chegada da primeira netinha. Enfim, todos os nossos familiares nos envolveram de carinho e atenção durante a espera. Letícia não tinha apenas um enxoval, um quartinho, ela tinha uma família cheia de amor aguardando por ela.

Os meses se passaram e, no dia 11 de agosto de 2004, por volta das 21 horas, recebemos uma ligação da assistente social da comarca de Jacinto. Nossa filha nasceria a qualquer momento. Ficamos atônitos. O que fazer? Nada, ou melhor, poderíamos pedir a Deus que trouxesse nossa filha ao mundo com muita saúde. Rezamos o terço e, em vão, tentamos dormir.

No dia seguinte, fizemos as malas, inclusive a da Letícia, e seguimos para Jequitinhonha. Mais de dez horas de viagem. Seguimos eu, Abel, minha irmã Carla (que não poderia faltar) e Willian, nosso amigo e marido da Dr<sup>a</sup> Célia.

Lá pelas 23 horas, chegamos a Jequitinhonha e fomos para a casa de Willian e Celinha. Fomos acolhidos de modo caloroso, nos sentimos em casa. Novamente tentamos dormir. Mas dormir como? Minha filha havia nascido na noite anterior e eu ainda não a tinha em meus braços. Mais uma noite longa e insone.

Quando finalmente amanheceu, nos preparamos para receber nossa filha Letícia. Turbilhão de emoções. Fomos direto para o fórum de Jacinto, cidade próxima a Jequitinhonha e terra natal da nossa filha. O coração não cabia no peito. Resolvidas as questões de ordem legal, já com a guarda provisória, fomos receber Letícia.

A emoção tomou conta. Eu não conseguia me mover, não sabia o que dizer, não tinha o que dizer, apenas estendi os braços e recebi a minha filha. Mesmo com os olhos cheios de lágrimas, pude ver os seus lindos e expressivos olhinhos negros me fitando. Todas as dúvidas

e medos desapareceram: Letícia nos aprovou. Meu coração batia fora do peito! Tia Carla chorava. Papai não dizia uma palavra, apenas olhava encantado.

Nesse primeiro encontro, não restou nenhuma dúvida, éramos uma família, nós nos pertencíamos. Compreendemos de imediato que o “ventre” da adoção é o coração. Esse primeiro contato foi mágico. Foi como se nos reencontrássemos. Não éramos estranhos, já nos conhecíamos. Ela se encaixou perfeitamente nos meus braços e neles se aninhou. Sintonia total. Aquele amor, aquela ligação não começou ali, não era possível! Letícia sempre foi nossa filha. Não éramos mais um casal apenas, éramos uma família: pai, mãe e filha.

A viagem de volta a Congonhas, onde moramos, passava pela cidade de Caratinga, minha terra natal. Lá fizemos uma parada para levar Letícia ao Santuário de Adoração Perpétua, onde a consagramos a Nossa Senhora de Lourdes, sua Protetora e Mãe Divina.

Os primeiros cuidados foram difíceis, eu era completamente inexperiente, mas não deleguei a ninguém os cuidados com a nossa bebê. O umbigo aprendi a “curar” pela *internet*, e fiz um trabalho perfeito!

Letícia era um bebezinho lindo, que enchia nossa casa de alegria. Calma, quase nunca chorava. Não me lembro de quantas vezes a deitei sobre meu peito e fiquei por horas velando seu soninho tranquilo, sentindo a sua respiração e o seu cheirinho de flor. Às vezes, fecho os olhos e sinto tudo de novo. Acho que essa lembrança vai me acompanhar para sempre.

Para eternizar os momentos, não me esquecer de nenhum detalhe, anotei tudo em uma espécie de diário. A rotina da Letícia, do primeiro ao quinto ano, foi registrada em fotos, desenhos, conchinhas do mar que recolhemos durante passeios que fizemos, cachinhos do primeiro corte de cabelo e muitos, muitos “causos” da minha protagonista.

Letícia foi uma criança extremamente divertida e muito comunicativa. Por onde íamos, ela era a primeira a fazer contato com as outras pessoas. Na escola, sempre se relacionou bem com colegas e professores.

Quanto amor ela despertou em nós! Não imaginávamos que seríamos capazes de amar alguém com tanta intensidade. Nossa filha não nasceu de nós, mas para nós. Não existisse, passaríamos pela vida sem conhecer o amor em seu estado mais puro. Eu e meu marido brincamos que somos árvores que não nasceram para dar frutos, mas sombra. Não amamos “como se fosse nossa filha”, simplesmente amamos a nossa filha, imensa, incondicional e intensamente, ou, como gostamos de dizer: amamos mil milhões.

Desde sempre Letícia soube que não eram os laços de sangue que nos uniam como família, mas o amor. Optamos pela verdade e não nos arrependemos. Essa história somente está sendo contada porque a Letícia permitiu e desejou. Abriu um sorriso assim que sugeri e disse do que se tratava. É claro que vamos contar a nossa história, me disse ela.

Hoje, temos a certeza de que não é a medicina ou a biologia que determina quem pode ou não ser pai e mãe. A ciência pode dizer quem pode gerar, procriar, mas ser pai e mãe vai muito além do físico. Muito mais importante do que gerar é cuidar e amar.

De forma cruel, ouvimos que filho adotivo é problemático, mas filho biológico vem com garantia? DNA não é garantia de nada. Esse tipo de comentário preconceituoso não nos fez desistir. Graças a Deus que não desistimos. Não conseguimos imaginar a vida sem a nossa Letícia. Nem nos lembramos mais de como era nossa vida antes dela.

Seja biológico ou adotivo, um filho é uma folha de papel em branco, na qual se pode escrever qualquer história. A três, estamos escrevendo uma história de amor. Essa história tem altos e baixos, momentos tristes, outros de extrema alegria, ou seja, é uma história real, uma história de vida, como a de todo mundo.

Em relação ao processo de adoção, tivemos a sorte de encontrar um “anjo” em nosso caminho. A amiga, Dr<sup>a</sup>. Célia Freitas, foi muito mais do que a juíza de um processo de adoção. Respeitando a lei, as regras, agiu de forma empática – uma empatia compassiva que, além de compreender o nosso sentimento, a nossa necessidade de oficializar a adoção, mobilizou-se para nos ajudar. Se houvesse sido um processo difícil e demorado, nem mesmo assim teríamos desistido. Nunca!

Letícia cresceu em tamanho e graça. É uma pessoa que nos surpreende diariamente com gestos de amizade, de carinho, de presteza e desprendimento. É um ser humano admirável, humilde, simples, que pouco valoriza coisas materiais. Preza as amizades e ama os animais. Quer ser médica, médica pediatra. Ela será o que quiser, contanto que seja feliz, muito feliz!

No ano passado (2019), comemoramos seus 15 anos, com uma linda festa. Foi uma noite inesquecível. Uma alegria única vê-la entrando no salão e recebendo o carinho de familiares e amigos.

Letícia é hoje uma adolescente de 16 anos, tranquila e dedicada aos estudos. Uma menina maravilhosa, de comportamento exemplar, que só nos dá orgulho e alegria.

Nossa sensação é de gratidão. Gratidão a Deus, por nos ter abençoado com uma filha maravilhosa. Para nós, a adoção não é um gesto de caridade, é um gesto de amor e um pouco de egoísmo. Afinal de contas, não queremos apenas amar, queremos também ser amados, e receber o amor de um filho é algo de valor inestimável.

Esta é a nossa história, que ainda está sendo escrita. A cada dia, um novo capítulo.



